

Os desafios de enfermeiras no transporte aéreo de feridos na Segunda Guerra Mundial¹

The challenges of nurses in air transport in the World War II

Henrique Baldiatti Dalenogare²

RESUMO

As enfermeiras que serviram no transporte aéreo de feridos durante a Segunda Guerra Mundial fizeram uma contribuição significativa para o esforço de guerra. Seu trabalho incansável e dedicação aos cuidados médicos salvaram inúmeras vidas e ajudaram a proporcionar conforto e esperança aos soldados feridos. Devido à importância do tema deste trabalho científico, o presente estudo teve como objetivo geral (principal) analisar como era realizado o trabalho das enfermeiras dentro do voo e as condições em que eram submetidas. O trabalho consistiu em uma revisão teórica em artigos relacionados à Segunda Guerra Mundial e ao transporte aéreo, sem a necessidade de uma pesquisa de campo e análise de dados estatísticos. No decorrer do trabalho se abordou sobre as enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB), condições em que realizavam seu trabalho e a importância da sua atuação no cenário da época. Ao fim desse estudo concluiu-se que a participação desses profissionais no campo de batalha foi essencial para o sucesso no socorro de milhares de vítimas e na vitória dos aliados no transcorrer do conflito.

Palavras-chave: enfermeiras; guerra; transporte aéreo.

ABSTRACT

Nurses who served in wounded airlifts during World War II made a significant contribution to the war effort. His tireless work and dedication to medical care saved countless lives and helped bring comfort and hope to wounded soldiers. Due to the importance of the theme of this scientific work, the present study had the general (main) objective of analyzing how the work of nurses was carried out on the flight and the conditions in which they were submitted. the work consisted of a theoretical review of articles related to the Second World War and air transport, without the need for field research and analysis of statistical data. During the work, nurses from the Brazilian Expeditionary Force (FEB) were discussed, the conditions under which they carried out their work and the importance of their performance in the scenario of the time. At the end of this study, it was concluded that the participation of these professionals on the battlefield was essential for the success in helping thousands of victims and for the victory of the allies in the course of the conflict.

Keywords: nurses; war; air transport.

¹ Artigo apresentado em 15 de setembro de 2023 ao Centro de Instrução de Aviação do Exército como requisito parcial para obtenção do Grau Tecnólogo em Sistemas Mecânicos de Aeronaves.

² Aluno do Curso de Formação e Graduação de Sargentos – Av Mnt. Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx). E-mail: henrique.sag3@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939 na Europa, países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) contra os Aliados (Reino Unido, França, Estados Unidos e União Soviética). Seu estopim foi a invasão da Polônia em 1º de setembro de 1939. Durante toda a década de 1930, Hitler defendeu a construção do Reich (Império) alemão no “espaço vital” (lebensraum). Esse espaço vital seria um território mínimo para que o povo ariano desenvolvesse seu império. (SILVA, 2018).

Durante seu acontecimento o Brasil estava passando pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Diversas pressões aconteciam nessa época, como as populares que queriam o Brasil na guerra e a pressão norte-americana que queria o fim da neutralidade de Vargas. O país tinha relações com a Alemanha que foram cortadas em 1937, porém só entramos na guerra em 1942 quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com o eixo e recebeu incentivo econômico dos Estados Unidos da América. O país entrou para o conflito da Segunda Guerra ao lado dos aliados, levando apoio a eles principalmente na Itália, em Montese.

Devido à sua participação foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB) sobre o lema “a cobra vai fumar”. O Brasil passou a enviar milhares de militares para auxiliar no combate a força nazifascista que atingia a Europa, sendo tanto militares combatentes, para apoiar na linha de frente contra o inimigo, quanto militares da saúde, para ajudar no socorro dos feridos.

Esse acontecimento marcou o pioneirismo das enfermeiras brasileiras nas forças armadas, que foram solicitadas pela fadiga e exaustão física dos profissionais de saúde norte-americanos. O processo de inserção das enfermeiras era por voluntariado, por meio disso foi-se necessária a criação do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE). Esse curso permitia a capacitação dos profissionais a doutrina militar e a obtenção de novos conhecimentos sobre procedimentos de cuidados médicos no campo de batalha. (BERNARDES; LOPES; SANTOS, 2004).

Já com o devido apoio nas regiões mais necessitadas de atendimento médico pelos profissionais da saúde da FEB, os campos de batalha ainda tinham muitos obstáculos para conseguir salvar a vida daqueles que estavam lutando contra o Exército Alemão.

No que tange à saúde, um dos vários problemas relacionados aos feridos era o seu transporte, seja do campo de batalha para o posto de atendimento médico mais perto, seja para voltar para seu país do outro lado do oceano após quase perder a sua vida na guerra. Assunto extremamente complicado, pois na década de 1940 a tecnologia de transporte terrestre, aéreo e

marítimo não era tão avançado quanto nos dias atuais. Ou seja, o desafio enfrentado por médicos e enfermeiros era gigantesco, pois além de ter que salvar sua própria vida no campo de batalha, tinham que se esforçar para salvar aqueles que combatiam pelo seu país.

Nesse contexto, o tema desse estudo é: “Transporte Aéreo na Segunda Guerra Mundial”. Por sua vez, o objeto de pesquisa, ou seja, a delimitação do tema é “os desafios das enfermeiras no transporte aéreo de feridos na segunda guerra mundial”.

Tendo como base a delimitação do tema, esse trabalho científico busca resolver o problema: quais atitudes poderiam ter sido tomadas para que houvessem mais enfermeiras e um treinamento mais específico para a atuação em voo?

Para orientar o estudo, este trabalho é norteado em 01 (um) objetivo geral e 04 (quatro) objetivos específicos.

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar como era realizado o trabalho das enfermeiras dentro do voo e as condições em que eram submetidas.

Tendo em vista o objetivo geral a pesquisa tem como objetivos específicos: a) entender como eram escolhidas as profissionais para atuarem no voo; b) definir o trabalho das enfermeiras; c) descrever como eram dispostos os feridos dentro da cabine de carga; d) analisar uma fotografia realizada em um voo de feridos da época da Segunda Guerra Mundial.

No início deste trabalho, foi realizada uma revisão teórica do assunto, através de consulta bibliográfica em artigos relacionados à Segunda Guerra Mundial e ao transporte aéreo, não tendo sido necessária a realização de pesquisa de campo e análise de dados estatísticos. O aprofundamento do estudo bibliográfico, ou seja, da pesquisa propriamente dita, foi feito a partir da leitura de materiais selecionados e análise de fotografias retiradas na época da Segunda Guerra Mundial, por meio do qual alguns termos foram definidos, algumas informações de interesse foram levantadas, buscando estruturar um modelo teórico de análise. Assim, a revisão de literatura foi realizada através de artigos científicos, literatura militar brasileira, Biblioteca do Exército, além de revistas de assuntos militares de notório saber. Com implementação da pesquisa, foi utilizada a localização de dados eletrônicos, por meio de sites de busca na internet em português, com os seguintes termos descritores: enfermeiras, transporte aéreo de feridos, segunda guerra mundial.

Esse estudo é relevante pois permite entender como funcionava o transporte de feridos na época mencionada, permite, também, entender como era a rotina e atribuições de uma enfermeira atuante no cenário de guerra no território italiano. Dessa forma, verificar a tecnologia da época e a importância dessas profissionais seja na aeronave, seja em âmbito terrestre.

2 O TRANSPORTE AÉREO DE FERIDOS

O transporte aéreo de feridos, também conhecido como evacuação aeromédica, teve seu início no século XX, durante a Primeira Guerra Mundial. Durante esse período, aviões foram utilizados para transportar soldados feridos dos campos de batalha para hospitais e centros médicos.

No entanto, o desenvolvimento e aprimoramento do transporte aéreo de feridos ocorreram principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Aviões foram modificados e usados para evacuar feridos de áreas de combate para hospitais mais bem equipados e distantes. Além de transportar os feridos para essas diferentes áreas também eram trazidos de volta para o Brasil, a viagem a qual demorava horas e demandava maior atenção dos profissionais presentes na aeronave.

De acordo com relatos da Enfermeira Lenalda Campos Duboc dispostos no artigo publicado por Bernardes e Lopes (2007) “(...) os aviões daquela época eram muitas horas de voo. Para atravessar o Atlântico eram dez horas (...) o avião chegava de madrugada (...) e viajava a hora que eles achavam melhor por causa do (...) medo de bombardeio.”

Essa prática ajudou a reduzir o tempo necessário para receber tratamento médico adequado e melhorou muito as chances de sobrevivência para os feridos graves.

Após a Segunda Guerra Mundial, o transporte aéreo de feridos continuou a se desenvolver. Foram estabelecidos serviços de evacuação aeromédica em várias partes do mundo, especialmente em áreas remotas ou em regiões com acesso limitado a cuidados médicos especializados. Helicópteros e aviões equipados com unidades de terapia intensiva móveis, equipamentos médicos avançados e equipes médicas especializadas começaram a ser usados para transportar pacientes em situações de emergência.

Segundo Bernardes e Lopes (2007) “os aviões eram de carga, convertidos em ambulâncias com padiolas nas laterais. Tais procedimentos foram fundamentais para a sobrevivência dos soldados feridos na Guerra”.

Hoje, o transporte aéreo de feridos é uma prática comum em todo o mundo. É utilizado não apenas em situações de guerra, mas também em casos de desastres naturais, acidentes graves, resgates em áreas remotas e transferência de pacientes de hospitais com recursos limitados para instalações médicas mais avançadas.

Figura 1 - Ao centro, sentada e de óculos escuros, a enfermeira Juracy França Xavier, em visita ao pessoal do 1º Grupo de Artilharia, na região de Riola.



Fonte: Roque e Bernardes (2022)

Os aviões e helicópteros utilizados no transporte aéreo de feridos são equipados com tecnologia médica avançada, incluindo monitores cardíacos, ventiladores mecânicos, sistemas de suporte à vida e equipes médicas altamente treinadas. Essas equipes são capazes de fornecer cuidados médicos essenciais durante o transporte, garantindo a estabilidade do paciente até que ele possa receber tratamento adequado em um hospital.

O transporte aéreo de feridos desempenha um papel vital no sistema de saúde, permitindo o rápido deslocamento de pacientes em situações de emergência e melhorando suas chances de recuperação. É um exemplo importante de como a aviação e a medicina se unem para salvar vidas.

3 A ESCOLHA DE ENFERMEIRAS BRASILEIRAS PARA ATUAREM NO TRANSPORTE AÉREO DE FERIDOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Durante a Segunda Guerra Mundial, as enfermeiras brasileiras selecionadas para atuar no transporte aéreo de feridos foram escolhidas de acordo com os critérios estabelecidos pelas Forças Armadas Brasileiras, em particular pelo Exército e pela Força Aérea Brasileira (FAB).

“Nesta Força estava inserido o Batalhão de Saúde composto por 186 profissionais de saúde, entre enfermeiros, médicos e dentistas. Seguiram neste batalhão 67 enfermeiras pioneiras do Exército, sendo 61 enfermeiras hospitalares e 6 especializadas em transporte aéreo.” (BERNARDES; LOPES; SANTOS, 2005).

Embora os detalhes específicos sobre o processo de seleção possam ser limitados, alguns fatores provavelmente foram considerados:

Formação em enfermagem: As enfermeiras selecionadas para o transporte aéreo de feridos eram aquelas com formação sólida em enfermagem, com diploma reconhecido e licença para exercer a profissão. Prévio conhecimento de hospitais, principalmente em áreas como cuidados intensivos ou cirurgia.

Vínculo com o serviço militar: Durante a guerra, as enfermeiras poderiam ser recrutadas como voluntárias ou designadas por meio do serviço militar obrigatório. Aquelas que tinham vínculos com as Forças Armadas Brasileiras, seja como reservistas ou como membros do serviço de enfermagem militar, tinham mais chances de serem selecionadas para atuar no transporte aéreo de feridos.

Aptidão física e emocional: Assim como em outros países, a aptidão física e emocional das enfermeiras era uma consideração importante. Elas precisavam estar em boas condições de saúde e ter a capacidade de lidar com situações estressantes e desafiadoras que ocorriam durante os voos e o atendimento aos feridos.

Treinamento adicional: As enfermeiras selecionadas tinham treinamento adicional relacionado ao transporte aéreo de feridos, pela excepcionalidade do ambiente de trabalho. Isso poderia envolver familiarização com as condições de voo, primeiros socorros em ambientes aeroespaciais e o uso de equipamentos específicos encontrados nas aeronaves de evacuação médica.

Bernardes e Lopes (2007), relatam que

[...] A solicitação dos aliados, já que as enfermeiras norte-americanas “(...) já estavam muito cansadas e, além do mais, não falavam a nossa língua (português) (...)”, levou o Brasil a criar um Quadro de Enfermeiras para atuar na 2ª Guerra, juntamente com o efetivo da FEB.

Portanto, o governo brasileiro atendendo a solicitação do grupo hegemônico dos Estados Unidos da América (EUA), “(...) mandatários do Estado, detentores do monopólio de violência simbólica legítima”, procurou com urgência voluntárias para tal papel.

Com chamada publicada no jornal “O Globo”, as enfermeiras brasileiras foram selecionadas, após terem iniciado seu voluntariado no esforço de guerra em nove de outubro de 1943.

Todas participaram obrigatoriamente do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) ministrado pela Diretoria de Saúde, mesmo detendo diferentes tipos de capital simbólico. Segundo o depoimento oral do General Jonas Correia Neto, as enfermeiras ao terminarem o CEERE, integrando-se a FEB tornaram-se enfermeiras da reserva. A partir do momento em que integraram essa força operacional, de combatentes, imediatamente passaram à ativa, como todo o pessoal da reserva convocado “(...)todo esse pessoal passou a estar na ativa por causa da guerra (...)”. O objetivo deste Curso era formar o Quadro de Enfermagem (QEERE), que foi criado pelo Decreto –Lei nº 6097/43 de 13 de dezembro de 1943, publicado no Diário Oficial da União nº 290, datado de 15/12/43. Tal curso comportou três módulos distintos: parte teórica, preparação física e instrução militar.

É importante mencionar que as enfermeiras brasileiras tiveram um papel significativo no contexto da Segunda Guerra Mundial. Elas atuaram em diversos setores da saúde militar, incluindo hospitais de campanha, unidades de evacuação médica terrestre e também em aeronaves de transporte aéreo de feridos.

Embora os detalhes exatos sobre a seleção das enfermeiras brasileiras para o transporte aéreo de feridos na Segunda Guerra Mundial possam ser escassos, é certo que essas mulheres corajosas desempenharam um papel crucial no cuidado e no transporte de feridos, contribuindo para o esforço de guerra e o bem-estar dos soldados, principalmente os brasileiros.

Figura 2 - Registro fotográfico da assistência multiprofissional prestada por uma equipe mista brasileira e norte-americana em uma enfermaria de choque, na Itália.



Fonte: Bernardes, Lopes e Santos (2005)

4 DEFINIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO PELAS ENFERMEIRAS DENTRO DAS AERONAVES NO TRANSPORTE DE FERIDOS

Está evidenciado que o trabalho das enfermeiras brasileiras no transporte aéreo de feridos era de súmula importância, dentro e fora da aeronave. Partindo do ponto que, principalmente, tinham que exercer além do seu papel normal de formação na área de

enfermagem, a figura de um médico, psicólogo e muitas vezes trazendo certo conforto momentâneo em meio a dor dos ferimentos sofridos no campo de batalha.

No cenário de voo de transporte de feridos, havia-se uma triagem de soldados que necessitavam de maior atenção e apoio médico de transporte para unidades especializadas de atendimento, visto a gravidade dos ferimentos, dessa forma se evidencia a maior carga ocupacional das enfermeiras na aeronave.

“A equipe, no transporte aéreo, é reduzida, composta apenas por um enfermeiro e um médico. Exige-se, portanto, atenção redobrada, em todos os sentidos, para não ter nenhum erro. Para que o trabalho seja executado adequadamente, deve haver uma ação conjunta e uma interdependência.” (DIAS; FERREIRA; CARVALHO, 2017).

Como já evidenciado, o trabalho realizado por elas ia além da enfermagem, pois no traslado na aeronave até o Brasil, trazendo os feridos do campo de batalha, não tinha a presença de médico, eram somente as profissionais de enfermagem, visto a escassez de profissionais de medicina e a exigência deles no teatro de operações da Segunda Guerra Mundial.

Depoimento da Enfermeira Lenalda Campos Duboc no artigo de Bernardes e Lopes (2007) “(...) no avião tinha adaptação para tudo (...) não ia médico, eles davam para a gente toda a documentação que eles (pacientes) tinham (...)”

Diante disso, fica evidenciado a pressão psicológica e o estresse em que eram submetidas por assumirem funções em que não estavam habilitadas para realizar. Por mais que tivessem recebido treinamento específico em uma Base de Parnamirim, em Natal, no Rio Grande do Norte antes de ir para a Guerra, o conhecimento, a experiência e a formação acadêmica na área de medicina são indispensáveis para alguns cuidados e diagnósticos específicos em feridos de guerra.

Após ouvirem o relato da Enfermeira Lenalda Campos Duboc, Bernardes e Lopes (2007) puderam afirmar

(...) podemos inferir a sobrecarga psicológica que dominava a todas, particularmente as Enfermeiras do Transporte Aéreo, pois a assistência de enfermagem era desenvolvida com tomadas de decisões, que envolviam o fazer médico. Certamente a responsabilidade com esta função, submeteu estas Enfermeiras a fatores com potencial estressor. (...)

Figura 4 - Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB) posam em ambulância alemã capturada na Itália.



Fonte: Acervo Margarida Bernardes

5 ANÁLISE DE UMA FOTOGRAFIA REALIZADA EM UM VOO DE FERIDOS DA ÉPOCA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Na figura a abaixo, fica nítido e claro exatamente o ambiente em que as profissionais atuavam, as modificações feitas na aeronave para ter a capacidade de receber feridos e equipamentos específicos para tratamentos médicos.

A principal característica verificada na foto são as padiolas instaladas para comportar os militares e a maneira como eram dispostas dentro da aeronave.

Segundo Bernardes e Lopes (2007)

Os aviões eram de carga, convertidos em ambulâncias com padiolas nas laterais. (...) Trata-se de uma pose coletiva na qual estão presentes dez pessoas, sendo duas mulheres e oito homens. Sete participantes estão deitados em padiolas apropriadas e organizadas horizontalmente, superpostas, com espaços fixos entre as mesmas.

A Enfermeira Lenalda Campos Duboc, que aparece no primeiro plano da foto, fez o seguinte esclarecimento: “nós dávamos assistência a eles dentro desses aviões da FAB que tinham adaptação para dezoito, vinte padiolas (...)”

Figura 3 - Enfermeiras Brasileiras no avião da Força Expedicionária Brasileira (FEB).



Fonte: Bernardes e Lopes (2007)

Tendo em vista os fatos apresentados, fica em evidência alguns pontos significativos acerca do trabalho das enfermeiras, por estarem dentro de uma aeronave modificada para caber o máximo de padiolas possíveis, tinham menos espaço útil além de estarem suscetíveis a turbulência, no que refere à aeronave, e no que se refere a material a limitação de medicamentos e similares.

De acordo com Dias, Ferreira e Carvalho (2017) “Assim, observa-se que há diferença entre trabalhar no transporte aéreo de pacientes e no contexto hospitalar quanto à área física, aos recursos disponíveis e ao número de profissionais da saúde para o atendimento.”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na metade do século XX a aviação já havia se desenvolvido consideravelmente, porém não estava preparada para um evento surpresa que demandasse preparo imediato diante dos fatos que estavam ocorrendo no conflito da Segunda Guerra Mundial. Diante disso, destaca-se o preparo de aeronaves para o ocorrido no que diz respeito ao transporte aéreo de feridos, e

também de pessoal especializado para atuar diretamente com as aeronaves e no serviço hospitalar improvisado durante o voo.

As enfermeiras que atuavam no transporte aéreo de feridos no conflito, com certeza fizeram-no de maneira exemplar para salvar a vida de vários soldados, pondo em risco suas próprias vidas em aeronaves que estavam sujeitas, toda hora, a bombardeios. Elas trabalhavam em um ambiente totalmente diferente no qual ninguém – acostumado a trabalhar em bases hospitalares terrestres – estava acostumado.

Elas eram ocupadas de uma função na qual não foram corretamente profissionalizadas, atendendo muitas vezes como médicas, além de estarem em um espaço improvisado para receber o máximo de pacientes e com material hospitalar limitado durante o traslado para o Brasil.

É óbvio que a surpresa de uma nova grande guerra como foi a Segunda Guerra Mundial requereu um preparo precário de algumas áreas relacionadas ao combate e ao resgate de militares. No que diz respeito ao transporte aéreo de feridos, a falta de médicos e, em consequência disso, a sobrecarga psicológica das enfermeiras foram os principais fatores que poderiam ter sido melhores administrados no decorrer no conflito. Essas profissionais estavam expostas a incertezas de um diagnóstico que talvez não tivessem certeza, já que a única certeza era que tinham que manter a vida a salvo daqueles que estavam a bordo nas padiolas.

O Governo Brasileiro da época, poderia ter tomado algumas atitudes com enfoque maior na Segunda Guerra Mundial, no que se refere a transporte aeromédico, como por exemplo, ter investido no melhor preparo das profissionais enfermeiras com estágios, e cursos focados a situação em que seriam submetidas, fazendo chegar o mais perto da realidade, por mais que o tempo de preparação fosse curto, o Estado poderia ter aplicado mais esforços para tal fato.

Além disso, os órgãos públicos deveriam ter aplicado mais esforços em propagandas e anúncios em rádios e jornais que incentivassem o voluntariado de enfermeiras, com o intuito de aumentar o efetivo e tornar menos exaustiva e cansativa a escala de serviço no campo de batalha, visto a importância do trabalho que seria desenvolvido por elas.

Como sugestão de melhoria, tendo em vista os fatos apresentados nos textos acima, é de suma importância à preparação do efetivo de saúde tanto no período da Segunda Guerra Mundial, quanto nos dias atuais. Por exemplo, atualmente ocorre o Curso de Saúde Operacional no Exército Brasileiro, o qual prepara os militares de saúde para o Atendimento Pré-Hospitalar Tático (APH Tático), com protocolos voltados para situações de combate como eram realizados antigamente. Sendo assim, visto a relevância desse tipo de profissionalização para os militares de saúde do Exército, fica evidente a demanda por investimentos nesse tipo de aperfeiçoamento,

destacando, também, o incentivo para que os militares busquem a realização desses cursos a fim de obter um crescimento profissional.

Com certeza, as experiências e os relatos dos feridos e das enfermeiras serviram de ensinamento e conhecimento para o desenvolvimento do transporte aéreo de feridos nos anos seguintes, tanto no meio civil quanto militar, o alto preparo de aeronaves para transportar feridos chega, hoje, na mais alta tecnologia, além de profissionais cada vez mais capacitados.

O estudo tem por finalidade informar sobre como era realizado o transporte aéreo de feridos, visto o escasso acervo de material que há disponível sobre o tema nas bibliotecas brasileiras. Além de ressaltar a importância e a relevância que tiveram as profissionais de enfermagem que atuavam diretamente no voo e no contato com os feridos.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Margarida; LOPES, Gertrudes; SANTOS, Tânia. **A visibilidade da atuação de uma enfermeira do Exército Brasileiro a um ferido na 2ª Guerra Mundial**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 39, n. 1, p. 62-67, [S. l.], 2005. DOI: 10.1590/S0080-62342005000100008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/41436>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BERNARDES, Margarida; LOPES, Teixeira. **Enfermeiras do Exército Brasileiro no transporte aéreo de feridos: um desafio enfrentado na 2ª Guerra Mundial**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, 2007. DOI:10.1590/S0034-71672007000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/T3GrZ7Gm6KvmZmcCsBRfrxD/#>. Acesso em: 13 jun. 2023.

DIAS, Carla; FERREIRA, Flávio; CARVALO, Vânia. **A importância do trabalho em equipe no transporte aéreo de pacientes**. Revista de Enfermagem Universidade Federal de Pernambuco, v. 11, n. 6, Recife, 2017. DOI: 10.5205/reuol.10827-96111-1 ED.110620170210. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23404>. Acesso em: 13 jun. 2023.

ROQUE, Daniel; BERNARDES, Margarida. **Mulheres enfermeiras na Segunda Guerra Mundial: protagonistas de seu destino**. Revista do Exército Brasileiro. v. 158 n. 3, 2022. [S. lh].